

# A TEMÁTICA AFRO-BRASILEIRA NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL<sup>1</sup>

Thais Jardim Novaes Sacramento<sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo aborda uma pesquisa de iniciação científica que mapeou e catalogou a produção recente da literatura infantil e juvenil com temáticas afro-brasileiras e afro-diaspóricas. Essa investigação, vinculada ao projeto *Decolonialidade na literatura infantil e juvenil*, foi financiada pela FAPESB e tem como recorte temporal o período de 2000 a 2024. Tal recorte se justifica pela eminência da promulgação da Lei 10.639/03 e o período final devido ao tempo de finalização da pesquisa de iniciação científica. A metodologia adotada compreende uma abordagem qualitativa, de levantamento dessa recente produção, bem como a abordagem quantitativa que adotou o modelo DCMI (*DublinCore Metadata Initiative*) para organização dos metadados. Além disso, o estudo reforça a importância desses livros que valorizem a diversidade cultural e promovam identidades positivas dos personagens negros presentes nessa literatura. Ao oferecer representações que dialoguem com suas vivências, essas obras ajudam a construir uma sociedade mais justa e democrática. A pesquisa destaca ainda a relevância de pensar o livro como objeto cultural e educacional, cujos aspectos materiais influenciam na formação de um leitor crítico, no combate ao racismo epistêmico

**Palavras-chave:** literatura infantil afro-brasileira; descolonização na literatura; Brasil. [Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003].

## ABSTRACT

This article addresses a scientific initiation research project that mapped and cataloged recent production of children's and young adult literature with Afro-Brazilian and Afro-diasporic themes. This research, linked to the project *Decoloniality in Children's and Young Adult Literature*, was funded by FAPESB and covers the period from 2000 to 2024. This time frame is justified by the imminent enactment of Law 10.639/03 and the final period due to the time taken to complete the scientific initiation research. The methodology adopted includes a qualitative approach, surveying this recent production, as well as a quantitative approach that adopted the DCMI (DublinCore Metadata Initiative) model to organize the metadata. In addition, the study reinforces the importance of these books that value cultural diversity and promote positive identities of the black characters present in this literature. By offering representations that dialogue with their experiences, these works help to build a more just and democratic society. The research also highlights the relevance of thinking of the book as a cultural and educational object, whose material aspects influence the formation of a critical reader, in the fight against epistemic racism.

**Keywords:** Afro-Brazilian children's literature; decolonization in literature; Brazil. [Law No. 10,639, of January 9<sup>th</sup>, 2003].

---

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campos dos Malês, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lucilene Rezende Alcanfor.

<sup>2</sup> Graduanda em Pedagogia pela UNILAB.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta um trabalho de pesquisa de iniciação científica, no qual nos propomos a mapear e catalogar uma recente produção literária infantil e juvenil que aborda as temáticas afro-brasileiras e afro-diaspóricas<sup>3</sup>. Este projeto é uma continuidade da pesquisa de pós-doutorado da professora Dra. Lucilene Rezende Alcanfor.

O projeto de iniciação científica *Decolonialidade na literatura infantil e juvenil*, é resultado final de uma pesquisa mais ampla aprovada pelo Edital Proppg 01/2023 (PIBIC), no período de 01/10/23 à 30/09/24 e teve como agente financiador o Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB)<sup>4</sup>. No entanto, no presente artigo, nos propomos a apresentar o resultado parcial desse estudo, que consiste no mapeamento e catalogação de obras cujas temáticas estão voltadas para as culturas afro-brasileiras e afro-diaspóricas. Trata-se de um estudo da história das edições escolares, impulsionado pela promulgação da lei 10.639/03, que orienta as escolas a introduzir nos currículos escolares o ensino da História da África e das culturas afro-brasileiras.

O recorte temporal da pesquisa foi de 2000 a 2024, justificando o período inicial pela eminência da promulgação da Lei 10.639/03 e o final pelo encerramento do projeto PIBIC/FAPESB. Foram catalogadas 179 obras que apresentam perspectivas epistemológicas afro-brasileiras e afro-diaspóricas.

É sabido que por décadas os livros ofertados no mercado editorial eram carregados de conteúdos que apresentavam o negro em papéis subalternizados e os brancos como atores principais das histórias, valorizando dessa maneira uma cultura eurocêntrica na qual as crianças e jovens negros não poderiam se identificar. Segundo Adichie (2010), a ideia de história única impede que as pessoas negras se identifiquem em seus personagens, muitas vezes representados por protagonistas brancos, de olhos claros e cabelos loiros. Além disso, ela também afirma que contar apenas uma única história é evidenciar uma relação de poder, pois para a autora, a história única tem a habilidade de ser entendida como definitiva.

---

<sup>3</sup> Adotamos, além da categoria afro-brasileira, a categoria afro-diaspórica para demarcar, especialmente, obras de autores latino americanos.

<sup>4</sup> Trata-se de um projeto mais amplo orientado pela Prof<sup>a</sup> Lucilene Rezende Alcanfor, que contou com a participação de duas bolsistas de iniciação científica, Thais Jardim Novaes Sacramento, que catalogou a produção de obras voltadas para a temática das culturas afro-brasileiras e afro-diaspóricas, e Cecília Costa Moreira, que mapeou a produção de obras voltadas para a temática das culturas africanas.

Pensando a literatura e sua apresentação para as crianças e jovens nos espaços escolares, percebemos que sua importância é de promover a presença de obras infantojuvenis que enfatizem a cultura brasileira em sua pluralidade racial, favorecendo o autoconhecimento do pertencimento histórico, conforme o parecer CNE/CP 003/2004 da Lei 10.639/03 e na homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil em 2004, defende a igualdade de direitos para todos os cidadãos.

Nesta perspectiva, propõe à divulgação e produção de conhecimento, a formação de atitudes, posturas e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico racial – descendentes de africanos, povos indígenas, descendentes de europeus, de asiáticos – para interagirem na construção de uma nação democrática, em que todos, igualmente tenham seus direitos garantidos e sua identidade valorizada (Brasil, 2004, p.2).

Mostrar para as crianças/adolescentes outras formas de vivências a compreender a história brasileira com um olhar de diversidade cultural é dar oportunidade às crianças para que entendam e valorizem as diferenças, formando assim, pessoas menos racistas e que obtêm o seu reconhecimento na cultura a qual pertencemos. Portanto, é essencial trabalhar a discussão da diversidade já na infância, pois como afirma Lima (2005), é na educação básica que são formados os primeiros embriões dos valores humanos, costumes e princípios éticos; ali, com certeza, se desde cedo nos ocuparmos com isso, as manifestações racistas e discriminatórias poderão ser amplamente combatidas desde a primeira infância.

Segundo Benedicto (2016), o renascimento cultural africano somente será completo quando formos capazes de construir um corpo que articule nossas experiências presentes com as civilizações existente do ocidente; para ele, entretanto, o renascimento surgirá apenas quando cuidarmos da educação de nossas crianças/adolescentes. É necessário fornecer uma educação que seja fundada por uma literatura infantojuvenil que mostre a realidade a qual se vive, não apenas a apresentação de uma literatura eurocêntrica que marginaliza o negro e sua ancestralidade. É imprescindível trazer para a sala de aula temáticas que reforcem e fortaleçam a diversidade, atualmente fundamentado no parecer CNE/CP 003/2004 da Lei 10.639/03 e na homologação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil em 2004.

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras (Brasil, 2004, p.7).

Para além disso, a pesquisa está norteadada pelos estudos de Roger Chartier (2014, 2020), partindo das categorias analíticas de materialidade do impresso. Para Chartier o livro e outros materiais impressos devem ser compreendidos não apenas como transporte de conteúdo, mas também como objetos físicos que influenciam a forma como o leitor interage com eles. A ideia é que os formatos, tamanhos, fontes, *layout* e outros aspectos materiais desenham a interpretação dos textos, ou seja, a materialidade não é apenas uma camada secundária, mas uma parte essencial do entendimento do conteúdo. Nessa perspectiva analítica, tomamos o livro de leitura como objeto fabricado que passa por uma cadeia de intervenções até chegar à mão do leitor, já que “a materialidade do livro é inseparável da materialidade do texto”, ou seja, “as formas nas quais o texto se inscreve na página, conferindo à obra uma forma fixa” também são marcadas por mobilidade e instabilidade (Chartier, 2014, p. 11).

Outras pesquisas problematizam sobre a importância dessa literatura para uma educação das relações étnico-raciais, conforme apontam Debus (2010, 2013), Lima (2005), Gomes (2012), Munanga (2009), além de outras referências.

Como metodologia de pesquisa, adotamos tanto uma abordagem qualitativa como quantitativa para a análise documental. Neste caso, os recursos digitais foram imprescindíveis para a consolidação deste estudo e os dados foram mapeados digitalmente em acervos das editoras brasileiras, plataformas de *e-commerce*, no acervo digital da Fundação Biblioteca Nacional, na Câmara Brasileira do Livro e sites da internet. Deste modo, para a catalogação, elaboramos os seguintes metadados: título, título alternativo (obras que tenham subtítulos), criador (autor), contribuidor (ilustrador), assunto (palavras-chave), resumo (sinopse), descrição (observação exemplo: prêmios), editora, edição, ano de publicação, tipo (virtual ou impresso), identificador (ISBN), fonte (site da pesquisa), idioma, nível de educação da audiência (infantil ou infantojuvenil), extensão (quantidade de páginas), citação bibliográfica e arquivo (endereço do link da capa). Na segunda etapa da pesquisa, dados e metadados foram hospedados em uma página *web* construída com o *software Omeka*

S, que permite o armazenamento livre e aberto de conteúdos e coleções digitais. Por meio dessa plataforma, todos os dados são disponibilizados para o público em geral, favorecendo buscas avançadas e sua reutilização.

Nos últimos anos houve um aumento de obras literárias com temáticas afro-brasileiras e afro-diaspóricas em decorrência da Lei 10.639/03 que orienta as escolas a introduzir nos currículos escolares o ensino da História da África e das culturas afro-brasileiras. Nessa perspectiva, o crescimento da produção de livros com novas epistemologias que positivam essas culturas é relevante para formação da sociedade brasileira, considerando nossas africanidades, além de ser um mercado muito lucrativo, também se apresenta como uma ferramenta fundamental para a valorização das culturas africanas e afro-diaspóricas.

Considerando, a partir dos anos 1980 o *boom* do mercado editorial em relação à literatura infantil e juvenil, partimos da seguinte problemática de pesquisa: O que tem sido produzido nas últimas décadas pelo mercado editorial brasileiro em relação à temática afro-brasileira na literatura infantil e juvenil em consonância com a Lei 10.639/03?

Partindo das premissas apresentadas, o artigo está dividido em três partes: na primeira faremos uma breve discussão sobre a literatura infantil e juvenil que definimos no estudo a partir da categoria de afro-brasileira, lei 10.639/03 e novas abordagens temáticas dessa literatura de positivação e valorização das culturas afro-brasileiras e afro-diaspóricas. Na segunda parte apresentamos os dados das obras catalogadas. Nas conclusões destacamos e problematizamos a importância dessa literatura, sobretudo nos espaços escolares.

## **2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL AFRO-BRASILEIRA**

Por muito tempo, as produções literárias brasileira pouco retratou a história dos negros, e quando havia alguma citação dessa população, era de forma racista e preconceituosa. No início do século XXI, quando o público infantil foi tomando espaço entre os leitores brasileiros, os personagens negros, eram retratados por papéis marcados pela escravidão, como se a história da cultura afrodescendente surgisse apenas de um “povo infeliz” que não detinha nenhuma “civilização”. Para Munanga (2009), os textos em sua maioria retratavam a invasão europeia e a escravização dos

negros, quase nunca se tecia das histórias de lutas e resistências do povo negro. Assim, Kabengele Munanga descreve:

Até hoje, na maioria das imagens atuais sobre a África, raramente são mostrados os vestígios de um palácio real, de um império, as imagens dos reis e ainda menos as de uma cidade moderna africana construída pelo ex-colonizador. As imagens geralmente exibidas mostram uma África dividida e reduzida, enfocando sempre os aspectos negativos, como atraso, selva, fome, calamidades naturais, doenças endêmicas, AIDS, Guerras, Misérias e Pobreza (Munanga, 2009, p. 11.)

A produção que apresentamos é, entre tantas estratégias, fruto da luta política dos movimentos sociais que têm reivindicado a visibilidade epistêmica de povos e culturas que estiveram sempre à margem da história, entendidas como manifestações folclóricas e exóticas de povos sem história.

A escritora e feminista nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em conferência proferida que mais tarde resultaria na publicação do texto *O perigo de uma história única* (2009), relata a influência de suas primeiras leituras na infância e o início de sua trajetória como escritora:

Eu me tornei leitora cedo, e o que lia eram livros infantis britânicos e americanos. Também me tornei escritora cedo. Quando comecei a escrever, lá pelos sete anos de idade — textos escritos a lápis com ilustrações feitas com giz de cera que minha pobre mãe era obrigada a ler —, escrevi exatamente o tipo de história que lia: todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis, brincavam na neve, comiam maçãs e falavam muito sobre o tempo e sobre como era bom o sol ter saído. Escrevia sobre isso apesar de eu morar na Nigéria. Eu nunca tinha saído do meu país. Lá, não tinha neve, comíamos mangas e nunca falávamos do tempo, porque não havia necessidade (Adichie, 2009, s.p).

Para Adichie, que só tinha lido livros nos quais os personagens eram estrangeiros, estava certa de que só existia uma história a ser contada, o que mudou somente quando descobriu que existiam livros africanos e que pessoas iguais a ela, com a pele cor de chocolate e cabelo crespo, poderiam existir na literatura. A partir daí percebeu o quanto somos vulneráveis diante de uma história única, particularmente durante a infância, e que era possível escrever sobre coisas que ela conhecia e vivia. Segundo a autora, é impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder: “como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas

de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (Adichie, 2009, s.p).

A literatura infantil brasileira também foi, de um modo geral, marcada por uma narrativa única, em especial quando se trata da história oficial dos “vencedores” e dos “vencidos”. Tais estigmas, fortaleceram o racismo estrutural, as crianças são apresentadas a histórias que não as representem. De acordo com Mariosca e Reis (2011):

As crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles com os quais se depararam nos livros infantis. As crianças brancas vão se identificar e pensar serem superiores às demais, vão estar em posição privilegiada em relação às outras etnias. As crianças negras alimentarão a imagem de que são inferiores e inadequadas. Crescerão com essa ideia de branqueamento introjetada achando que só serão aceitas se aproximarem -se dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Rejeitando tudo aquilo que as assemelhe com o universo do negro (Mariosca; Reis, 2011, p. 42).

O espaço escolar pode ser para as crianças um ambiente exclusivo de encontro com a literatura. Nesse sentido, segundo as autoras, integrar obras de literatura afro-brasileira no currículo escolar é essencial para construir uma educação antirracista. Elas argumentam que isso auxilia na desconstrução de preconceitos e fomenta um imaginário positivo sobre a diversidade, beneficiando todas as crianças ao enriquecer sua compreensão das relações sociais e culturais no Brasil contemporâneo. Ainda de acordo as autoras:

A literatura infantil pode influenciar de forma definitiva no processo de construção de identidades das crianças. A literatura serve, muitas vezes, como fonte de significados existenciais que poderão ser aplicados ao mundo real (Mariosca; Reis, 2011, p. 48).

Desse modo, os espaços escolares são estruturas marcadas pela construção do racismo ou do combate na luta antirracista, dependendo de como se faz presente essa literatura na escola. De acordo com Sacramento (2019), a sala de aula é um ambiente que propõem a descobertas das relações humanas e das diversidades existentes, por ser um lugar de conhecimento e muitas vezes o único espaço em que as crianças terão contato com a leitura, principalmente as crianças de classes sociais menos favorecidas. Para Sacramento:

Nessa percepção, a literatura infantil pode ser utilizada como um recurso didático-pedagógico pelos/as educadores/as, pois, através dos conteúdos apresentados no espaço escolar, pode estimular a criança a compreender o mundo e suas relações interpessoais. A importância de trazer para a sala de aula uma literatura infantil que enfatize a multiculturalidade propõem reflexões que nos permitem compreender a nossa realidade, possibilitando desde cedo à construção e o conhecimento da diversidade cultural, minimizando os impactos negativos que uma literatura de supremacia branca causa, não apenas para as crianças negras, mas para todas as crianças (Sacramento, 2019, p. 8-9).

Ao reconhecermos e debatermos que a literatura brasileira é estigmatizada pelo racismo, buscamos uma maneira de estabelecer rumos para diminuir os impactos negativos causados por décadas em nosso país. Por isso, a importância de intensificar as produções que tragam narrativas plurais, e não apenas um único lado da história. Com isso, a promulgação da Lei 10.639/03 contribuiu para que autores negros, mostrasse uma literatura autêntica, capaz de transformar o momento de leitura e oralidade, em um universo de representatividade e ressignificação da história da literatura infantil e juvenil afro-brasileira.

### 3 MAPEANDO A PRODUÇÃO

O banco de dados intitulado *Decolonialidade na literatura infantil e juvenil* trata-se de um projeto de pesquisa que foi coordenado pela professora Lucilene Alcanfor, docente do Instituto de Humanidades e Letras, desenvolvido no âmbito da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) com duas bolsas de iniciação científica. As bolsistas Cecília Costa Moreira e Thais Jardim Novaes Sacramento, realizaram com a orientadora a pesquisa e catalogação das obras literárias, contribuindo com o levantamento e sistematização dos dados. A construção técnica da estrutura do banco de dados foi liderada por Eric Brasil, professor do Instituto de Humanidades e Letras da UNILAB, que utilizou o modelo DCMI (*DublinCore Metadata Initiative*) para garantir a organização e acessibilidade das informações. Priscila Valverde Silveira também integra a equipe técnica, colaborando na implementação da infraestrutura digital e suporte técnico. A partir dessa estrutura, foi criada uma página pesquisável no sistema *Omeka S*, que permite a visualização e pesquisa das obras catalogadas de forma eficiente.

Além disso, o projeto contou com o suporte técnico e de infraestrutura do Mestrado em Humanidades Digitais da UFRRJ, que oferece o acesso ao servidor onde o *Omeka S* está hospedado, possibilitando que o banco de dados esteja disponível ao público em uma plataforma robusta e segura. Essa rede de parcerias multidisciplinares reforça o compromisso do projeto em promover a visibilidade epistêmica dos grupos étnicos presentes na literatura infantil e juvenil, proporcionando uma ferramenta valiosa tanto para a pesquisa acadêmica quanto para a educação básica<sup>5</sup>.

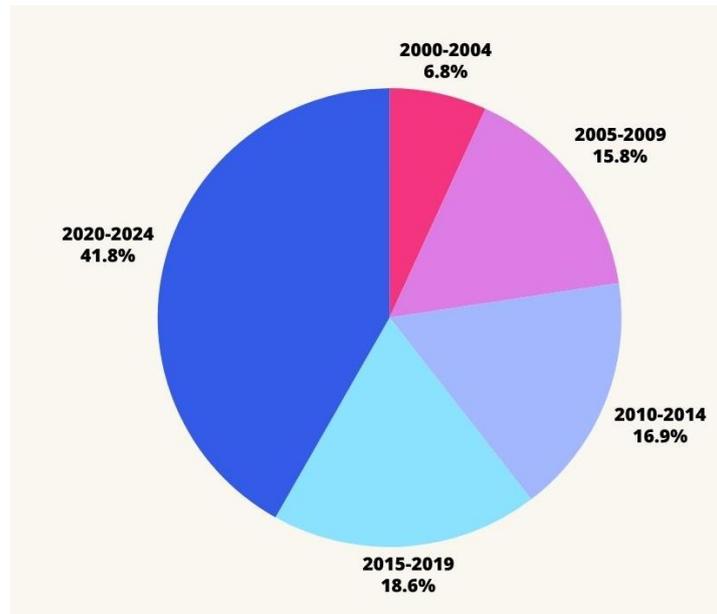
#### 4 PERÍODO DA PRODUÇÃO

O recorte temporal da pesquisa se deu de 2000 a 2024, levando em consideração que antes da existência da Lei 10.639/03, já havia um movimento negro em torno da luta antirracista, que culminou na promulgação da referida lei em 2003. Compreendendo o crescimento do mercado editorial brasileiro, a presença das discussões a respeito do fortalecimento das novas epistemologias de valorização da cultura afrodescendente, caracterizamos esse período como crucial no desenvolvimento de narrativas que trouxesse para o centro debates que antes eram um tabu.

Para representar esse crescimento em números, elaboramos um gráfico para quantificar as publicações do período de 2000 a 2024, divididos por um intervalo de cinco anos:

---

<sup>5</sup> O banco de dados está disponível em: <https://omekas.im.ufrrj.br/s/dlij/item>. Acesso em: 27 out. 2024.

**Gráfico 1** - Obras publicadas entre 2000 a 2024

Fonte: elaborado pela autora.

Os impactos evidentes após a promulgação da Lei 10.639/03 foram significativos, a legislação criou um espaço institucional e educacional que valorizou produções literárias voltadas para a herança cultural, impulsionando a visibilidade de autores e autoras negros, além de fomentar a criação de conteúdos que abordem questões raciais, identitárias e históricas.

Por outro lado, também compreendemos essa produção a partir do *boom do* mercado voltado para a literatura infantojuvenil. Um aspecto que diz respeito à comercialização de obras que, após a promulgação da Lei 10.639/03, tornou esse mercado muito competitivo e rentável. Segundo Cademartori (1986) não se pode absolutamente perder de vista que o livro infantil é antes de tudo um objeto comercial. Para autora:

Seus produtores são agentes que se inserem na dinâmica do mercado do sistema capitalista e tendem à produção do mais lucrativo. À medida que cresce o movimento educacional em torno do livro para criança, este, que é produzido para o mercado, e dele recebe cerceamentos ou incentivos, responde em proporção à demanda. [...] As preocupações pedagógicas coincidem com o descobrimento, pelo mercado, da criança como móvel do consumo. [...]. O mercado, naturalmente, apresenta-se tão diversificado para esse produto como para os demais. Ao lado de edições cuidadosas, tanto do ponto de vista gráfico quanto da estética literária, há o impresso que, destinado ao público infantil, não tem, contudo, compromisso com os traços

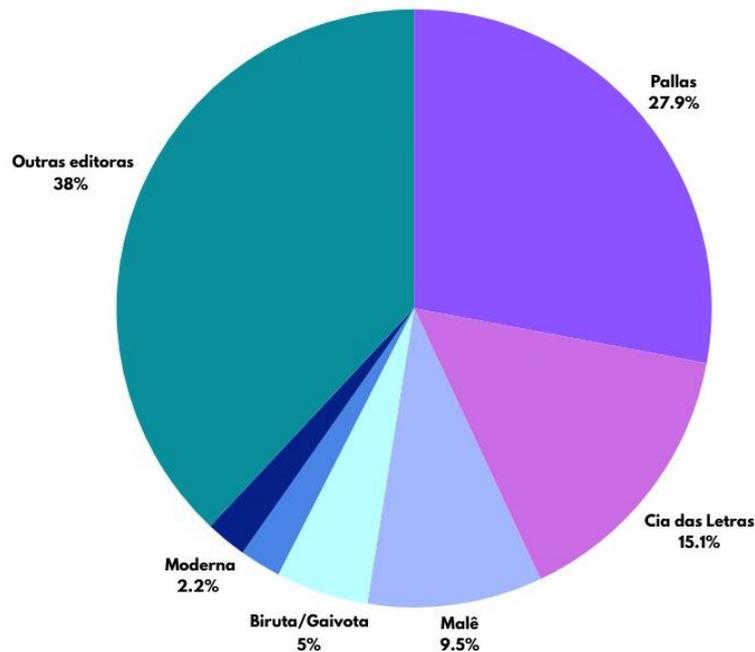
que afirmam a literatura infantil como um gênero literário. Portanto, nem tudo que circula como livro destinado à criança é, de fato, literatura infantil. Há, no mercado, muita gratuidade e produções que não vão além do lugar-comum estético e ideológico (Cademartori, 1986, p. 17-18).

O período de produção catalogada em paralelo ao período de pós-promulgação da Lei 10.639/03 marca uma tentativa de enfrentar as desigualdades raciais estruturais no Brasil a partir da educação. Embora os avanços sejam evidentes, ainda há muito trabalho a ser feito para que a lei seja plenamente implementada e sua essência se reflita na transformação das práticas pedagógicas e sociais do país.

## **5 AS EDITORAS**

Durante o processo de pesquisa foram catalogadas obras de 49 editoras, desse quantitativo, observamos a predominância dos livros publicados pela Editora Pallas (selo Pallas Mini) com 50 publicações, em seguida as editoras: Companhia das Letras (selo Cia das Letrinhas, Brinque-book, Seguinte, Pequena Zahar e Escarlata) com 27 publicações, e a Editora Malê (selo Malê Mirim) 17 obras publicadas, as demais editoras possuem o quantitativo de 01 a 03 publicações cada.

Partindo das análises realizadas nos acervos digitais das editoras, construímos o gráfico a seguir para representar a disposição das obras publicadas pelas mesmas, considerando as editoras com maiores quantitativos de livros ofertados no mercado editorial.

**Gráfico 2** - Publicações por editora

Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com os dados apresentados acima, pode-se observar que algumas editoras possuem seus catálogos preferencialmente voltados apenas a temáticas africanas, afro-brasileiras e afro-diaspóricas, dentre elas podemos destacar as editoras: Cia das Letras, Pallas e Malê Mirim.

A Companhia das Letras, fundada em 1986, começou com foco em literatura e ciências humanas. Atualmente, o Grupo Companhia das Letras possui 21 selos, mais de 8.500 títulos em catálogo e lança cerca de 400 obras por ano, abrangendo variados nichos editoriais. Com essa trajetória, vem se consolidando como uma das mais importantes editoras do país, promovendo diversidade cultural e editorial.

A editora Pallas, situada no Rio de Janeiro, foi criada em 1975, grande parte do seu catálogo é dedicado aos temas relacionados às culturas africanas e afro-diaspóricas. No site da editora, sua política interna afirma estar interessada na compreensão e na valorização de nossas raízes culturais e ciente do ainda precário registro dos saberes africanos na diáspora e de sua importância como uma das matrizes fundadoras de nossa nacionalidade, buscando recuperar os saberes

ancestrais dos diversos povos africanos continuamente trazidos para o Brasil durante o regime escravista e valorizando-os como formas fundamentais de expressão da brasilidade.

A Malê editora e produtora cultural foi fundada em 2015, também do Rio de Janeiro, está engajada em priorizar a edição de textos de literatura de escritores e escritoras negros da atualidade, promover o acesso às suas obras e contribuir com a modificação das ideias pré-concebidas sobre os indivíduos negros no Brasil.

## 6 AS OBRAS CATALOGADAS

Na pesquisa foram catalogadas 179 obras, cujas temáticas estão associadas às culturas afro-brasileiras e afro-diaspóricas. Buscamos catalogar obras no período de 2000 a 2024, a busca se deu por pesquisar digitalmente em sites de compras de livros, no acervo digital da Biblioteca Nacional, Câmara Brasileira do Livro e em acervos editoriais. Vale ressaltar que o conjunto de obras encontradas não esgota as produções publicadas no período destacado, mas demonstra o grande avanço das temáticas que valorizam a cultura afro-brasileira e afro-diaspórica encontrada nos últimos anos. Todas as obras abaixo citadas, fazem parte do processo de catalogação, as mesmas foram organizadas adotando o critério de maior quantidade de obras por autor e conseguinte por ano de publicação, seguindo ordem crescente.

**Sonia Rosa** :É o tambor de crioula! (2000); Maracatu (2006); O tabuleiro da baiana (2006); Capoeira (2006); Jongo (2006); Feijoada (2006); O menino Nito (2008); Os tesouros de Monifa (2009); Palmas e vaias (2009); Abraços pra lá e pra cá (2011); Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta (2012); Zum zum Zumbiiiiiiii: história de Zumbi dos Palmares para crianças (2016); Dona Brígida (2019); Enquanto o almoço não fica pronto (2020); Lindara, a menina que transbordava palavras (2020); O dragão do mar (2020); A bela adormecida do samba (2021); Antônia quer dormir (2022); Antônia quer passear (2022); Antônia quer brincar (2022); Chama o sol, Matias! (2022); Meu nome é Raquel Trindade, mas pode me chamar de Rainha Kambinda (2023); Antônia quer comer (2024). **Kiusam de Oliveira**: O Mundo no Black Power de Tayó (2013) O mar que banha a ilha de Goré(2014); Black power de Akin (2020); Com qual penteado eu vou? (2021); Solfejos de Fayola (2021); Tayó em

quadrinhos (2021); Pequeno manual de meditação: para crianças que querem se conectar com o mundo (2022); Mãos (2024). **Carolina Cunha:** Aguemon (2002); Eleguá (2007); Yemanjá (2007); ABC afro-brasileiro (2009); Mestre gato e comadre onça(2011); Awani(2013); Ogum igbo igbo (2014). **Reginaldo Prandi:** Os Príncipes do destino: histórias da mitologia afro-brasileira (2001); Ifá, o adivinho (2002); Xangô, o Trovão (2003); Oxumarê, o arco-íris (2004); Contos e Lendas afro-brasileiros: a criação do mundo (2007); Aimó:uma viagem pelo mundo dos orixás(2017). **Otávio Junior:** Da minha janela (2019); Grande circo favela (2019); Morro dos ventos (2020); O garoto da camisa vermelha (2020); De passinho em passinho: um livro para dançar e sonhar (2021); Menino Benjamim (2022). **Teresa Cárdenas:** Cachorro velho (2010); Cartas para a minha mãe (2010); Contos de Olófi (2017); Mãe Sereia (2018); Awon Baba (2022). **Lia Zatz:** Luanda, filha de lansã (2007); Tenka, preta pretinha (2007); Uana e marrom de terra (2007); Papi,o construtor de pipas (2007); Manu da noite enluarada (2007). **Anna McQuinn:** Lulu adora a biblioteca (2012); Lulu adora histórias (2014); Lulu lê para o Zeca (2020); Lulu vai para a escola (2023); Lulu na festa do pijama (2023). **Heloísa Pires Lima:** Histórias da Preta (2005); Benjamin, o filho da felicidade (2007); O comedor de nuvens (2009), O marimbondo do quilombo (2010); **Heloisa Pires Lima, Willivane Ferreira de Melo e Águida Maria Araújo de Vasconcelos:** O fio d'água do quilombo:uma narrativa do Zambeze no Amazonas (2013). **Lázaro Ramos:** Caderno de Rimas do João (2015); Caderno sem rimas da Maria (2018); Sinto o que sinto: e a incrível história de Asta e Jaser (2019); Edith e a velha sentada (2021). **Luís Pimentel:** Neguinho aí (2009); Neguinho do rio (2011); Neguinho brasileiro (2014). **Rogério Andrade Barbosa:** Memória das palavras (2006); Em Angola tem? No Brasil também! (2010); A caixa dos segredos (2011). **Janaina de Figueiredo:** Meu avô é um tata (2019); A rosa e o poeta do morro (2022); Sapatinho de Makota (2022). **Walter Fraga e Wlamyra R. de Albuquerque:** Uma história da cultura afro-brasileira (2009); O que há de África em nós (2013). **Raul Lody:** As gueledés:a festa das máscaras (2010); Kianda: a sereia de Angola que veio visitar o Brasil (2020). **Irene Vasco:** Letras de Carvão (2016); A professora da floresta e a grande serpente (2021). **Cássia Vale e Luciana Palmeira:** Calu: uma menina cheia de histórias (2017); Princesas negras (2019). **Leonardo Chalub:**Palmares de Zumbi (2019); Dandara e a falange feminina de Palmares (2021). **Emicida:** Amoras (2018); E foi assim que eu e a escuridão ficamos amigas (2020). **Fábio Monteiro:**Histórias sopradas em vento (2018); Cartas a povos distantes (2024).

**Rodrigo França:** O pequeno príncipe preto (2020); O menino e a sua árvore (2024). **Gercilga de Almeida:** Bruna e a galinha d'angola (2000). **Sylvia Orthof:** O rei preto de Ouro Preto (2003); **Joel Rufino dos Santos:** O presente de Ossanha (2006). **Eneida Duarte Gaspar:** Falando banto (2007). **Bia Hetzel:** Berimbau mandou te chamar (2008). **Lenice Gomes:** A menina que bordava bilhetes (2008). **Nei Lopes:** Kofi e o menino do fogo (2008). **Patrícia Santana:** Minha mãe é negra sim! (2008). **Helena Theodoro:** Os ibejis e o carnaval (2009). **Nilma Lino Gomes:** Betina (2009). **Ruth Rocha:** O amigo rei (2009). **Meire Cazumbá e Marie Ange Bordas:** Histórias da Cazumbinha (2010). **Leonardo Muller:** Clebyinho: o babalorixá aprendiz (2010). **Adriano Messias:** Histórias mal-assombradas do tempo da escravidão (2011). **André Diniz:** A cachoeira de Paulo Afonso (2011). **Angela Lühning:** Fotografando Verger (2011). **Caio Riter:** Pedro noite (2011). **Luciana Sandroni:** Um quilombo no Leblon (2011). **Gustavo Gaivota:** Chico Juba (2011). **Valéria Belém:** O cabelo de Lelê (2012). **Elizabeth Rodrigues da Costa e Gabriela Romeu:** Tutu-Moringa: história que tataravó contou (2013). **Ed Frank:** Olhe para mim (2014). **Narcimária do Patrocínio Luz:** Obá Nijô: O rei que dança pela liberdade (2014). **Stefania Capone e Leonardo Carneiro:** Modupé, meu amigo (2015). **Lidia Izcson:** Confusões de Dona Ana X confusões de Seu José (2015). **Marion Villas Boas:** Os orixás: sob o céu do Brasil (2015). **Olegário Alfredo:** O pente penteia (2015). **Ricardo Dreguer:** Kiese: História de um africano no Brasil (2015). **Álvaro Cardoso Gomes e Rafael Lopes de Sousa:** Um grito de liberdade: a saga de Zumbi dos Palmares (2016). **Allan da Rosa:** Zumbi, assombra quem? (2017). **Ana Paula Marini:** O lápis cor da pele do menino marrom (2017). **Eduardo Ventillo: Palmares:** a luta pela liberdade (2017). **Rosana Rios:** Foi ele que escreveu a ventania (2017). **Kenya Maria:** Flechinha—O príncipe da floresta (2018). **Anna Gobel e Ronaldo Fraga:** Uma festa de cores: memórias de um tecido brasileiro (2019). **Alex T. Smith:** Chapeuzinho e o leão faminto (2019). **Davi Nunes:** Bucala: a princesa do quilombo do Cabula (2019). **Geni Guimarães:** O pênalti (2019). **Mirna Pinsky:** Nó na garganta (2019). **Geraldo Valério:** Janaína já sabe contar (2020). **Kelly Silvestre:** Cora e o dedo (2020). **Everson Bertucci e Mafuane Oliveira:** Mesma nova história (2021). **Andressa Reis:** Da cor que eu sou (2021). **Cláudio Fragata:** A África que você fala (2021). **Elaine Marcelina:** Beata: a menina das águas (2021). **Luiz Antônio Simas:** Ogum: O inventor de ferramentas (2021). **Marilda Castanha:** Ops (2021). **Patrícia Auerbach:** Eu também (2021). **Taís Espírito Santo:** Ashanti: nossa pretinha (2021). **Vagner Amaro:** Madisa e a vovó alegria

(2021). **Adailton Medeiros:** Papaco e Lilico, a floresta e o circo (2022). **Adriana de Almeida Navarro:** Carolina Maria de Jesus (2022). **Alan Alves Brito:** Antônia e os cabelos que carregavam o segredo do universo (2022). **Lilia Moritz Schwarcz:** Óculos de cor:ver e não enxergar (2022). **Joana Gabriela Mendes e Mari Santos:** Manual de penteados para crianças negras (2022). **José Antônio Zetó:** Uma bibliotecária maluquinha (2022). **Tatiane Silva Santos:** Mungunzá (2022). **Rui Rosa:** Do arco e flecha ao berimbau (2022). **Georgina Martins:** Vocês viram a minha mãe? (2022). **Adriel Bispo:** Voando entre sonhos (2023). **Ana Fátima:** Os dengos na moringa de voinha (2023). **Caio Zero:** Aqui e aqui (2023). **Claudia Costta:** Ayana e o passeio à lagoa do Abaeté (2023). **Daiana de Souza:** Jornal dos tigres (2023). **Luana Rodrigues:** Mar de Marielle (2023). **Jessé Andarilho:** Cadu quer brincar (2023). **Joanice Conceição:** Lágrimas de Yemanjá (2023). **Júlio Emílio Braz:** Na ponta de meus dedos (2023). **Júnia Bertolino:** Iansã é vento, brincando faz o meu cabelo dançar (2023). **Ingrid Silva:** A bailarina que pintava suas sapatilhas (2023). **Renato Garcia:** Neguinha, sim! (2023). **Eliana Alves Cruz e Estevão Ribeiro:** Gênios da nossa gente: personalidades negras (2024). **Elisabete da Cruz:** Muzunga (2024). **Julie Fogliano:** Se você quiser voar (2024). **Sandra V.Feder:** Eu fico de boa (2024). **Waldete Tristão:** O quintal das irmãs (2024).

As obras cujas temáticas abordam as culturas afro-brasileiras e afro-diaspóricas são essenciais para promover o reconhecimento e a valorização das identidades afrodescendentes. Elas conectam as pessoas com suas raízes africanas, suas histórias e suas tradições, permitindo uma compreensão mais profunda de sua ancestralidade e das africanidades presentes na cultura brasileira.

Conforme afirma Petronilha Silva (2005, p. 156) “ao dizer africanidades brasileiras estamos nos referindo às raízes da cultura brasileira que têm origem africana”. Isso tem a ver como os “modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprios dos negros brasileiros, e de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia”. Ainda segundo a pesquisadora:

As Africanidades Brasileiras vêm sendo elaboradas há quase cinco séculos, na medida em que os africanos escravizados e seus descendentes, ao participar da construção da nação brasileira, vão deixando nos outros grupos étnicos com que convivem suas influências e, ao mesmo tempo, recebem e incorporam as destes. Portanto, estudar as Africanidades Brasileiras significa

tomar conhecimento, observar, analisar um jeito peculiar de ver a vida, o mundo, o trabalho, de conviver e de lutar pela dignidade própria, bem como pela de todos descendentes de africanos, mais ainda de todos que a sociedade marginaliza. Significa também conhecer e compreender os trabalhos e criatividade dos africanos e de seus descendentes no Brasil, e de situar tais produções na construção da nação brasileira (Silva, 2005, p. 156).

Essa valorização também promove a autoestima e reforça a importância do nosso pertencimento cultural. Nesse sentido, funcionam como memória e resgate, preservando histórias de luta, resistência e resiliência. Elas mostram como a cultura afrodescendente sobreviveu e se transformou, criando novas expressões culturais. Portanto, vitais para construir uma sociedade mais justa e informada sobre suas origens, promovendo a inclusão, o reconhecimento e a valorização da cultura afro-brasileira e afro-diaspórica como parte fundamental da herança global e nacional. A seguir analisamos e apresentamos alguns aspectos dessa produção.

## **7 OS AUTORES**

Para Fúlvia Rosemberg (1979,1985), a literatura no Brasil por muito tempo foi cheia de narrativas de estereótipos raciais. Ao analisar a literatura, a autora destacou a presença de representações negativas ou caricaturais de personagens negros, frequentemente relegados a papéis subalternos ou desumanizados, enfatizando os efeitos nocivos na construção da identidade de crianças negras, como também reforçando as visões preconceituosas em crianças brancas. Nesse sentido, se tornou imprescindível a importância de autores que destacassem em suas obras uma literatura voltada para temática racial e que essas obras promovesse uma visão positiva e diversificada de personagens negros, valorizando a cultura afro-brasileira.

Assim, alguns autores engajados no movimento negro entre os anos 70 e 90, já intentavam trazer em suas obras conteúdos e personagens negros, não apenas no lugar de escravizado, mas ocupando lugares de destaque dentro das histórias. Lima (2005) também constata, ao problematizar a representação dos personagens negros na literatura infanto-juvenil, que esse gênero não é um espaço de representação neutra, mas de enredos e lógicas, tornando o livro para crianças e jovens um importante documento no qual o tema das relações raciais precisa ser amplamente analisado de modo a descortinar as ideologias presentes.

Quanto aos autores mapeados no estudo, encontramos um total de 110 escritores, a maioria são oriundos do Brasil (100 autores), mas também encontramos escritores de outras nacionalidades, como: Colômbia (01), EUA (02), Irlanda (01) e Cuba (01). Para melhor visualização da quantificação dos autores e suas nacionalidades, fizemos uma representação gráfica:

**Gráfico 3** - Nacionalidade dos autores



Fonte: elaborado pela autora.

A escritora Sonia Rosa, se destaca no levantamento de dados, com o maior quantitativo de obras, ou seja, 23 livros catalogados no nosso mapeamento. Segundo Rosa, as produções literárias sempre foram carregadas de histórias que objetificava o negro e o colocavam a margem da sociedade, afirmou Rosa (2022):

Cabe aqui ressaltar que o nascimento da literatura brasileira e, em seguida, da literatura infantil que a acompanhou, foi durante décadas a expressão em letras escritas, dos representantes da elite econômica dominante; logo, reforçava a ideia de que o negro não tinha valor. Naquele momento, o personagem negro era retratado como uma alegoria, como um objeto, e nunca como sujeito (Rosa, 2022, p.46).

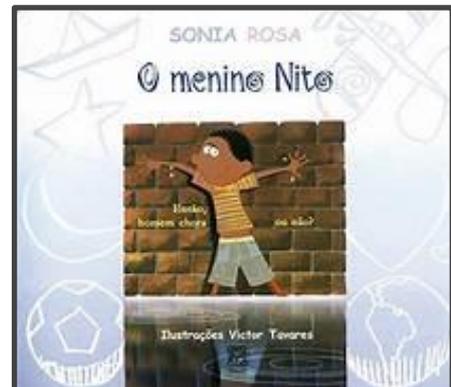
Desde muito pequena, Sonia Rosa queria mudar o mundo através das suas escritas, sendo seu primeiro livro produzido em 1988, mas seu lançamento seria um pouco mais tarde, em 1995. A obra *O menino Nito* (1995, 2008), iniciava sua carreira na literatura infantil e juvenil antes mesmo de haver uma lei que estabelecesse a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira. Em toda sua trajetória, percebemos narrativas infantis que retratam o cotidiano das crianças, denominada por ela de uma literatura negro-afetiva.

Para Octavio Ianni (1988, p. 54) o negro é o tema principal da literatura negra, que vê o sujeito afrodescendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. Nesse sentido, Rosa evidenciou o protagonismo negro, em cada obra que escreveu, buscou quebrar paradigmas e referenciar sua literatura negro-afetiva, como destacamos no livro *O menino Nito*. A obra passou por modificações significativas desde a primeira edição, inclusive apresentando o menino Nito com traços mais enegrecidos, valorizando mais seu fenótipo, como podemos notar na capa da primeira edição de 1995, na figura 1, e na edição de 2008, presente na figura 2.

**Figura 1** - “O menino Nito” (1995)<sup>6</sup>



**Figura 2** - “O menino Nito” (2008)<sup>7</sup>



O personagem Nito foi criado por Sonia Rosa para homenagear um amigo negro que, por ser tão bonito quando bebê, recebeu carinhosamente de sua família o apelido de Nito, de bonito. Nito era um daqueles meninos que choravam por qualquer

<sup>6</sup> Disponível em: <https://encr.pw/HsfjB>

<sup>7</sup> Disponível em: [https://acervo.bn.gov.br/sophia\\_web/capa/capa/252299](https://acervo.bn.gov.br/sophia_web/capa/capa/252299)

coisa, quanto mais reclamavam, mas ele chorava. Até que um dia o pai lhe chamou e disse: - Homem que é homem, não chora! Então Nito passou a engolir todos os choros, mas de tantas lágrimas represadas, foi ficando triste, sem vontade para nada, o que preocupou demais seus pais que chamaram um médico para ver o que estava acontecendo. Com sua sensibilidade, o médico fez Nito “desaschorar”, soltando todo o choro que estava preso, fazendo com que todos da casa chorassem de emoção, mostrando que homem chora sim! Esta obra, como tantas outras de Sonia Rosa, recebeu o nome de literatura negroafetiva porque apresentam personagens negros em uma representação definida como positiva e afetiva. A autora, que também é professora, afirma que, quando começou a escrever literatura infantil, tinha grande preocupação em elevar a autoestima e fortalecer as identidades dos alunos negros. Para ela, era importante naquela época essa atuação, no entanto, carecia de maior profundidade nas questões raciais. Com a Lei 10.639/03 sua obra passou a ser muito mais contemplada com as temáticas afro-brasileiras, ganhando inserção nas escolas públicas de todo o país, como foi pelo Programa Nacional de Biblioteca Escolar (Jesus, 2019).

Seguidamente, a escritora Kiusam de Oliveira, com 8 obras, traz em seus trabalhos a questão da identidade racial de forma leve para ajudar as crianças a se sentirem representadas e solucionarem problemas do cotidiano. No seu livro infantil, *O black power de Akin (2020)* com ilustração de Rodrigo Andrade, conta a história de um menino negro, que ao aceitar o seu cabelo naturalmente crespo resgata a sua autoestima. Para autora, a literatura brasileira destinada as crianças podem reforçar uma ideia fixada de subalternização dos corpos negros infantis, com histórias marcadas por estereótipos racistas. Oliveira, afirma que:

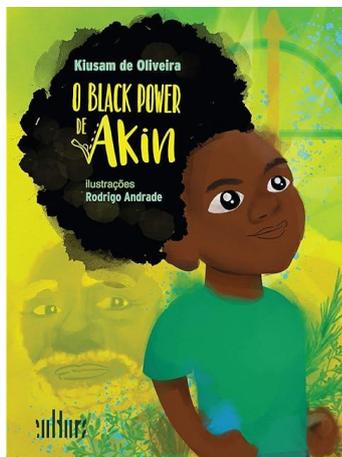
No Brasil, as crianças no momento do brincar imputam a subalternidade aos corpos negros infantis, predeterminando espaços estereotipados, tal e qual adultos fazem como bandidos, empregadas domésticas, monstros, etc. e a literatura brasileira focada neste público infantil tem reproduzido os mesmos estereótipos sem que escritores renomados se atentem para o impacto dessa escrita carregada de estereótipos pode causar na vida das crianças negras brasileiras. Penso na literatura como possível território de ludicidade e encantos, a depender do texto, da ilustração, de quem escreve o texto e para qual público o autor/a está escrevendo (Oliveira, 2020, p. 9).

Além disso, nos desperta a refletir sobre a importância de tratar a infância com um olhar cuidadoso. A autora, que sofreu na pele o racismo quando tinha apenas seis anos de idade, na escola em que estudava, foi chamada de “macaca pelada”, depois

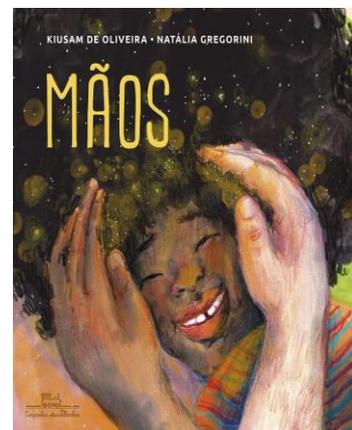
de ser obrigada a se despir, por ser impedida de ir ao banheiro e urinar na roupa. Esse episódio que marcou a sua infância se tornou uma motivação, decidindo trilhar sua carreira na educação e tentar minimizar os impactos devastadores que o preconceito racial pode gerar. Dessa maneira, para a professora e também escritora Kiusam de Oliveira, a criança precisa ser vista como um ser dotado de conhecimentos ancestrais e que reproduzem tudo aquilo o quanto ouvem e veem, por isso é imprescindível buscar na produção da literatura infantil e juvenil representação negra, para que todos se sintam abonados.

Deste modo, os livros de Kiusam são dotados de narrativas que dialogam com o cotidiano das crianças, sendo uma literatura antirracista que se assemelham a realidade de muitos pequenos brasileiros a exemplo da recente produção de sua autoria: *Mãos* (2024), a história do personagem *Orion*, um menino que vive em um formato familiar diferente, ao ser adotado por dois pais, sofre na pele o preconceito, mas que encontra forças para enfrentar as adversidades e construir sua confiança, através do carinho e amor de sua família.

**Figura 3** - “O black power de Akin (2020)”<sup>8</sup>



**Figura 4** - “Mãos (2024)”<sup>9</sup>



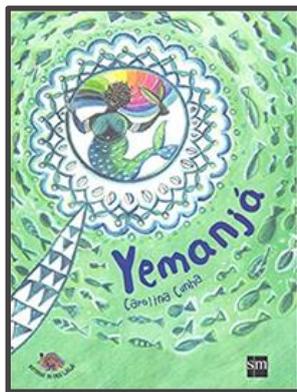
A escritora baiana Carolina Cunha é também pesquisadora da cultura afro-brasileira e possui 8 obras representadas na catalogação. A mais de vinte anos vem pesquisando e escrevendo sobre os temas afro-brasileiros, legado que atribui ao etnógrafo e fotógrafo Pierre Verger e à griot Nancy Ibijare de Souza (Iyá Cici). Ao longo de sua trajetória, a autora criou a série literária infantil e juvenil *Histórias do Okú Láilái* (que significa Histórias do tempo antigo), série que condensa um repertório de

<sup>8</sup> Disponível em: <https://encr.pw/KpMD0>

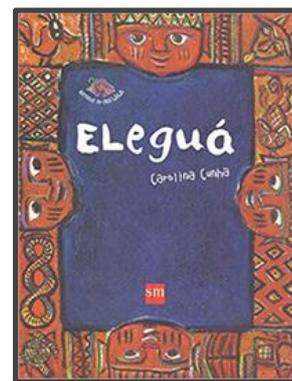
<sup>9</sup> Disponível em: <https://encr.pw/YtoHr>

narrativas ancestrais dos povos Yorubá e Fon, que compõem um sistema milenar de mitos (itáns). São narrativas que falam dos deuses cultuados por esses povos, representados pelos orixás (Yorubá) e voduns (Fon), como aquelas narradas na obra *Yemanjá*, que conta os mitos da rainha-mãe das águas e em *Ogum: Igbo Igbo*, em que relata a força e a beleza de Ogum, orixá bélico que ensina os homens a trabalhar e a progredir, até mesmo no momento em que todos desistiram de lutar. Da mesma série *Okú Láilái*, a obra *Eleguá e a sagrada semente de cola* fala da fama de Exu, o orixá traquina, guardião dos segredos e mensageiro dos deuses e dos mortais, que mais tarde ganha uma nova representação em *Awani: o mensageiro entre a terra e o céu*, em que a autora revive esse orixá do movimento, evocando seus atributos e suas peripécias no panteão dos deuses africanos.

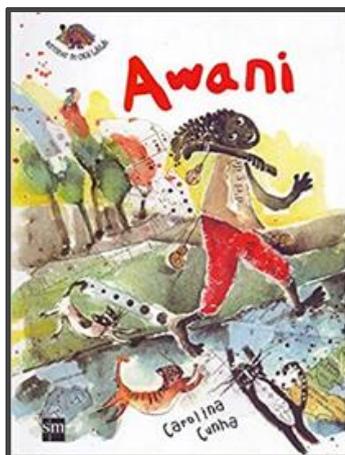
**Figura 5** - *Yemanjá* - ed. 2007<sup>10</sup>



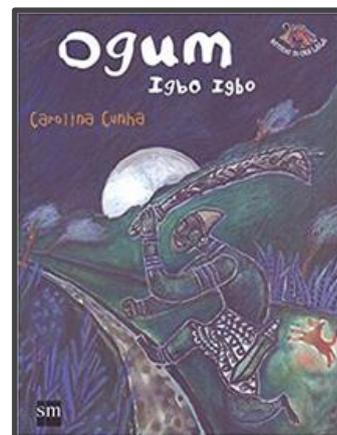
**Figura 6** - *Eleguá* - ed. 2007<sup>11</sup>



**Figura 7** - *Awani* - ed. 2013<sup>12</sup>



**Figura 8** - *Ogum Igbo Igbo* - ed. 2014<sup>13</sup>



<sup>10</sup> Disponível em: <http://smliteratura.edicoessm.com.br/#/livro/302>.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://smliteratura.edicoessm.com.br/#/livro/109>.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://smliteratura.edicoessm.com.br/#/livro/109>.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://smliteratura.edicoessm.com.br/#/livro/72>.

Carolina Cunha reflete tal cosmovisão africana, incorporada e transformada no processo da diáspora numa religiosidade afro-brasileira, assim como em várias culturas da África ocidental, onde a religião impregnava todas as atividades e modos de vida, regulando e influenciando seu cotidiano, o que, num certo sentido, colaborou para a conservação e preservação de práticas culturais específicas de tradições africanas reinventadas no Brasil. Quando homens, mulheres e crianças foram trazidos para o chamado novo mundo, “eles estabeleceram um enclave de cultura africana que, apesar do ambiente desfavorável, acabou florescendo” (IROBI, 2012, p. 288). Nesse sentido, o espaço geográfico da África genitora e seus patrimônios materiais e imateriais converteram-se em acervos culturais ancestrais que puderam ser parcialmente protegidos nas comunidades-terreiros.

## **8 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo destacou a relevância da literatura infantil e juvenil afro-brasileira e afro-diaspórica como ferramenta essencial para a promoção da diversidade cultural, do combate ao racismo e da valorização das culturas de matriz africana nos espaços escolares e na sociedade em geral. O mapeamento e catalogação das obras evidenciam o crescimento significativo de produções que positavam as narrativas e epistemologias afrocentradas, resultado, em parte, da implementação da Lei 10.639/03, que reforça a inclusão da História da África e das culturas afro-brasileiras no currículo escolar.

A pesquisa reafirma a importância de superar narrativas eurocêntricas que marginalizam a população negra e perpetuam desigualdades simbólicas. A literatura catalogada contribui para a formação de cidadãos conscientes de seu pertencimento étnico-racial, promovendo o autoconhecimento e a construção de uma identidade coletiva mais plural e inclusiva. Além disso, a criação do banco de dados poderá servir como uma ferramenta pedagógica para educadores e também um espaço para estudiosos e pesquisadores interessados nas temáticas abordadas.

Ademais, o mercado editorial revelou-se um agente expressivo nessa transformação, impulsionado tanto por demandas educativas quanto pelo potencial lucrativo do segmento. Contudo, permanece o desafio de assegurar qualidade estética e ideológica nas obras destinadas ao público infantil e juvenil, evitando a

superficialidade e reforçando o papel transformador da literatura na educação.

Por fim, este estudo, ao disponibilizar os dados e metadados catalogados em uma plataforma aberta, amplia o acesso às produções literárias e fortalece o compromisso com a democratização do conhecimento. Espera-se que os resultados parciais apresentados inspirem reflexões e práticas educacionais que contribuam para uma sociedade mais igualitária.

## REFERÊNCIAS

ALCANFOR, Lucilene Rezende. *Decolonialidade na produção literária infantil e juvenil: sujeitos, representações e o direito à história*. Relatório de pesquisa de estágio de pós doutoramento apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo, 2022.

ARDICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única* (2009). Disponível em: [https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras\\_digitalizadas/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_-\\_2019\\_-\\_o\\_perigo\\_de\\_uma\\_historia\\_unica.pdf](https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf). Acesso em: 10 set.2024.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. *Afrocentricidade, educação e poder: uma crítica afrocêntrica ao eurocentrismo no pensamento educacional brasileiro*. 2016. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29032017-161243/>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental*. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União, Brasília*, 10 jan. 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, out. 2004.

CADEMARTORI, Lígia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CHARTIER, Roger. Ler a leitura. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina A. da Silva (Orgs.) *História do ensino de leitura e escrita: métodos e materiais didáticos*. São Paulo: Editora Unesp; Marília: Oficina Universitária, 2014.

CHARTIER, Roger. *Um mundo sem livros e sem livrarias?* São Paulo: Letraviva, 2020.

DEBUS, Eliane Santana Dias. *A temática étnico-racial nos livros infantis da Pallas Editora*. Anais do Congresso Internacional de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil: Fórum Latino-americano de Pesquisadores de Leitura. Porto Alegre: PUC-RS, 2010.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A Literatura Angolana para a Infância. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1129-1145, out./dez. 2013.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. *Currículo sem Fronteiras*, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, nº. 28. São Paulo: USP, 1988.

JESUS, Sonia Regina Rosa de Oliveira Dias de. *A literatura infantil afro-brasileira como letramento racial e fortalecimento das identidades negras: uma narrativa autobiográfica*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais). Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ: Rio de Janeiro, 2019.

LIMA, Heloisa Pires de. Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o racismo na escola*. 2a. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 101-115. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf). Acesso em: 21 nov.2024..

MARIOSIA, Gilmara Santos; REIS, Maria da Glória dos. A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças. *Estação Literária*, v. 8, n. 1 Supl., p. 42-53, 2011. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/download/25625/18649> Acesso em: 18 nov. 2024.

MUNANGA, Kabengele. *Origens Africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações*, São Paulo: Global, 2009.

OLIVEIRA, Kiusam de. *Literatura Negro-Brasileira do encantamento e as infâncias: Reencantando Corpos Negros*. Espírito Santo: Vitória, 2020.

ROSA, Sonia. *Literatura infantil afrocentrada e letramento racial: uma narrativa autobiográfica*. São Paulo: Jandaíra, 2022.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura Infantil e Ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

SACRAMENTO, Thaís Jardim Novaes. *A presença da Literatura na Educação Infantil: Construindo Identidades Étnicos-raciais*. São Francisco do Conde-Bahia, 2019.

SILVA, Petronilha. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). *Superando o Racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. (p. 155-172). Disponível em: [https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando\\_%20racismo\\_escola\\_capa.pdf](https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/superando_%20racismo_escola_capa.pdf).